

CONSEQUÊNCIAS DA VIVÊNCIA EM UMA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO DE ADOLESCENTES

Karoline Tavares Correia¹

Christyne Gomes Toledo de Oliveira²

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar como o ambiente social e afetivo dentro das instituições de acolhimento pode afetar o desenvolvimento de adolescentes. Dessa forma, foram entrevistados adultos que tenham vivenciado sua adolescência ou parte dela institucionalizados. A pesquisa visou descobrir quais as consequências que a vivência em instituições de acolhimento pode gerar no desenvolvimento de adolescentes. Para isso, identificou aspectos que influenciam no desenvolvimento dos adolescentes institucionalizados; analisou como o ambiente dentro da instituição de acolhimento pode influenciar no desenvolvimento desses sujeitos e averiguou como se dá os laços afetivos dentro da instituição de acolhimento na concepção dos participantes da pesquisa. A metodologia utilizada foi o levantamento ex-post factor, com enfoque qualitativo e pesquisa descritiva sobre o desenvolvimento de adolescentes em processo de abrigamento. Utilizando-se como instrumentos de coleta de dados a entrevista semiestruturada, sempre garantindo e resguardando os direitos dos participantes. Os dados encontrados foram analisados à luz da Psicologia do desenvolvimento humano, e observou-se que a adaptação com o novo local, e o relacionamento afetivo por parte dos educadores e adolescentes afeta diretamente o desenvolvimento dos mesmos. Ademais, as experiências que antecederam a estadia no abrigo também afetam esses e deixam marcas nesse sujeito. A presente pesquisa visa contribuir com novos estudos e com o conhecimento de pessoas que se interessam por esse público.

Palavras-chave: Vivência. Desenvolvimento. Adolescente.

ABSTRACT

This search aims to investigate how the social and affective environment inside of institutions can affect the development of adolescents. We went to adults who have lived their adolescence or part of their adolescence in institutionalized. The research aimed to find out what consequences of shelters experience can generate in the development of adolescents. To do this, it identified aspects that influence in development of Institutionalized adolescents; analyzed how the environment within the host institution can affect the development of these subjects and investigated about the affective bonds within the host institution. The methodology used was an ex-post facto, with a qualitative approach and

¹Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário Salesiano. E-mail: karoline.tcorreia@gmail.com.

² Graduada, mestre e doutora em Psicologia, professora e coordenadora do curso de Psicologia do Centro Universitário Salesiano. E-mail: cgtoliveira@gmail.com.

descriptive research on the development of adolescents in the process of sheltering. Using as instruments of data collection the semi-structured always guaranteeing and safeguarding the rights and wishes of the participants. The data found were analyzed in the light of the Psychology of human development, and it was observed that the adaptation to the new place, and affective relationship between educators and adolescents directly affects their development. Moreover, the experiences that preceded in shelters also affect them and leave marks on the subject. This search aims to contribute to new studies and the promotion of public policies.

Keywords: Experience. Development. teen.

1. INTRODUÇÃO

O seguinte projeto de pesquisa visou investigar a respeito do desenvolvimento de adolescentes, e teve como objetivo geral descobrir quais as consequências que a vivência em instituições de acolhimento pode gerar no desenvolvimento de adolescentes. Seus objetivos específicos giram em torno de identificar aspectos que influenciam no desenvolvimento dos adolescentes institucionalizados; analisar como o ambiente dentro da instituição de acolhimento pode influenciar no desenvolvimento desses sujeitos e averiguar como se dá os laços afetivos dentro da instituição de acolhimento.

O presente trabalho foi motivado à medida que a pesquisadora teve o contato com o relato de alguns adolescentes que atingiram a maioridade dentro de instituições de acolhimento, além do tema adoção ser algo de extrema relevância, que no meio social não é um tema visto com bons olhos. Nota-se, que ainda há um preconceito muito grande para com indivíduos que habitam em abrigos e aqueles que estão dispostos a adotar. Isso é um grande agravante, pois prejudica a demanda para aqueles que dependem de uma nova família.

Sendo assim, torna-se necessário investigar melhor, como ocorre o desenvolvimento desses indivíduos e como se dão os vínculos afetivos nestes locais. Além do mais, crianças e adolescentes são sujeitos em desenvolvimento, ou seja, serão adultos, e seu desenvolvimento de forma saudável é de extrema importância para que não tenham problemas futuros. Entende-se que o abrigo foi feito para ser algo temporário, tendo em vista que estar em um núcleo familiar é a melhor opção para esses sujeitos.

A pesquisa proposta se mostra relevante cientificamente ao visar a identificação e análise de fatores que influenciam o desenvolvimento de adolescentes que vivem em instituições de acolhimento, e como isso pode acarretar danos futuros. A nível social, pode ser útil para profissionais e voluntários que atuam diretamente com esse público e até mesmo famílias que desejam ser adotantes.

Além disso, novas Políticas Públicas poderiam ser criadas a partir dessa pesquisa, pois as instituições de acolhimento foram criadas a fim de proteger essas crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade, no entanto podem estar causando outros problemas a esses sujeitos. Tornando-os em muitos casos adultos em sofrimento psicológico, social, com problemas na formação de sua identidade e problemas afetivos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

É importante antes de tudo entender quando crianças e adolescentes brasileiros devem ser encaminhados às instituições de acolhimento. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), foi criado com o intuito de assegurar os direitos de crianças e adolescentes, como sujeitos em fase de desenvolvimento, com extrema prioridade (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019). E “reafirmou a responsabilidade da família, sociedade e Estado de garantir as condições para o pleno desenvolvimento dessa população, além de colocá-la a salvo de toda forma de discriminação, exploração e violência.” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, p. 9, 2019).

Quando as mesmas têm seus direitos violados, sendo de média ou alta complexidade, como a negligência, abandono, violência em todos os seus âmbitos e maus tratos, as mesmas devem ser retiradas desse ambiente, pois entende-se que oferece risco e vulnerabilidade para esses sujeitos (RAYANE, 2018). De acordo com o ECA dentro dessas instituições de acolhimento, também conhecidas como abrigo ou casas de acolhimento, deve haver uma equipe responsável por esses indivíduos, zelando pela sua integridade física, psíquica e social (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019).

Ainda, essas instituições devem ser divididas em pequenas unidades, com o intuito de promover um atendimento mais personalizado, realizado por profissionais qualificados, com um plano individual de atendimento, visto que cada sujeito possui suas particularidades e um histórico de vida diferente. Além disso, com um número menor de crianças e adolescentes, é possível que esses profissionais possam ter um maior controle, além de não haver sobrecarga em suas funções. É importante que esses profissionais incentivem ações em comunidade, a fim de desenvolver sentimento colaborativo, visto que os mesmos vivem juntos, e devem se ajudar (SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2006; FONSECA, 2017).

Apesar de alguns ambientes serem identificados como inadequados e de risco para esses sujeitos em desenvolvimento, entende-se que o núcleo familiar é o local mais seguro para o mesmo, sendo a destituição familiar um recurso que deve ser evitado se possível. Quando esse sujeito é retirado desse ambiente, há um rompimento com aqueles que ele conhece e de certa forma depositou sua segurança, e é levado há um local novo e desconhecido, o que pode trazer medo e insegurança, sendo assim, esse processo é doloroso e muitas vezes sentido como uma punição (RAYANE, 2018).

Ainda que essas instituições tenham as melhores condições possíveis em quesito de estrutura física e contribuição em seu desenvolvimento, esses sujeitos ainda enfrentaram muitas dificuldades em se relacionar com essas pessoas desconhecidas que habitam neste local, sejam elas funcionários, crianças ou adolescentes, em comparação com aqueles que moram dentro de um núcleo familiar, o que pode gerar diversos problemas emocionais (GUIRADO apud RAYANE, p. 204, 2018).

Além disso, é importante entendermos como é realizado o processo para tornar esse sujeito “apto” para a adoção. Primeiramente é necessário que ele seja registrado no Cadastro Nacional de Adoção (CNA), este foi criado com o objetivo de obter uma melhor coordenação e informação sobre a realidade da adoção em

nosso país. Este cadastro também aumentará a probabilidade de adoção desses sujeitos, além de ajudar na fiscalização e evitar a “adoção à brasileira”, nome utilizado para denominar adoções informais que ainda ocorrem em muitos estados brasileiros (NASCIMENTO, 2017).

O CNA registra dados tanto dos que estão disponíveis para adoção, quanto os interessados em adotar, os perfis incluem raça, cor, sexo, idade entre outras informações importantes. Através do cadastro desses perfis os adotantes montam o perfil desejado e o sistema realiza uma busca eletrônica desse perfil. Caso esse perfil não seja encontrado, esse adotante é realocado em uma fila de espera. Um fator interessante é que o CNA faz a busca em diversas regiões do país, porém, o adotante pode delimitar essa busca (NASCIMENTO, 2017).

Apesar de aparentar ser um processo simples, as etapas para alcançar esse cadastro exige bastante tempo, pois os processos judiciais são lentos, o que interfere de forma direta, dificultando o movimento para a formação de novas famílias. Além disso, estar neste cadastro não é sinônimo de conseguir ser adotado, de acordo com uma pesquisa feita pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) em 2020, o quantitativo de adotantes é de 36,7 mil pessoas, em contrapartida a quantidade de crianças e adolescentes abrigadas é de 30.982 mil, sendo que apenas 5.154 mil estão cadastrados e disponíveis para adoção (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2020).

Destes abrigados a maioria são adolescentes, com cerca de 9,4 mil com mais de 15 anos, deste total, 3.142 estão há mais de três anos abrigados. Destaca-se que destes jovens, 3% foram diagnosticados com algum tipo de deficiência intelectual e 4% possuem problemas de saúde. No entanto, o CNA revelou que, no momento de escolher o perfil de seu futuro filho, são crianças de até no máximo quatro anos, sem irmãos e sem deficiências. No entanto 83% das crianças possuem mais de 10 anos e apenas 2,7% dos pretendentes disponíveis aceitam adotar crianças e adolescentes (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2020).

Com isso é possível observar que estar dentro do perfil desejado pelos adotantes é um grande desafio, com isso, podemos observar o importante se torna a desconstrução de alguns estereótipos, pois em muitos casos, o perfil idealizado por essas pessoas não existe, é um perfil muito fantasioso, que não se encaixa na realidade das crianças e adolescentes disponíveis dentro dessas instituições (NASCIMENTO, 2017).

Para um adolescente, torna-se ainda mais difícil ser inserido em um novo núcleo familiar. E essa espera é dolorosa, e pode causar muitas marcas e traumas nesse sujeito. Além disso, é importante lembrarmos que esses adolescentes já chegam nas instituições fragilizados, pois o motivo de estarem naquele local inclui em muitos casos o abandono, infração de direitos, violência entre outros motivos que o fizeram estar em uma situação de risco, além da quebra de vínculo com seus familiares e amigos (FERREIRA, 2012).

A adolescência apesar de ser um constructo social, para alguns pode ser caracterizada como uma fase conflitante, pois envolve o desenvolvimento físico-orgânico e psicoafetivo. É caracterizada como fase de preparação para a vida adulta. “A crise da adolescência é resultado de um movimento interno de independência, autonomia, libertação e autodeterminação, necessário para o ingresso na vida adulta” (MELO apud QUADROS, p. 50, 2017).

É importante ressaltar que as relações sociais são extremamente importantes nessa fase, pois é neste momento que contam com o apoio emocional de pares e amigos, aos quais tem suas escolhas influenciadas de acordo com suas características e experiências. Além de que essas relações possuem influência sobre a autoestima e o bem-estar, e ainda auxiliam os mesmos quando passam por situações estressantes (FONSECA, 2017).

É comum que o adolescente busque sua independência, ao mesmo tempo que necessita de segurança e apoio, com isso passa a buscá-los dentre seus pares. Esse sujeito é forçado a adiar sua independência financeira, por necessitar de uma preparação profissional, essa preparação também gera conflitos e questionamentos, pois em muitos casos ele deverá escolher a sua formação e profissão do futuro, e em muitos casos também pode ser frustrante, todas essas emoções se tornam algo pesado para esse ser em desenvolvimento (TELES apud QUADROS, 2017). Apesar do ser humano estar sempre em transformação, é nessa fase em que esse sujeito passar a manter um olhar mais atento para descobrir seu papel e quem são naquele momento, quais são seus gostos, sua personalidade, sexualidade, e que lugar ocupam socialmente (MULLER apud QUADROS, 2017).

A parte física, corporal também sofre diversas mudanças, deixa-se o corpo infantil, para assumir um corpo adulto. Essa transformação reflete diretamente no emocional desses indivíduos, pois “trarão sentimento de sobre-estima e narcisismo, ou menosprezo, timidez e insegurança” (MULLER apud QUADROS, p.53, 2017). Com a chegada em abrigos, eles ainda enfrentarão questões relacionadas à adaptação e formação de vínculos. Sabe-se que o ser humano, depende do outro para viver, se desenvolver e se estabelecer como sujeito, pois é através do outro que ele pode entender os contextos em que está inserido socialmente. Isso ocorre desde o nascimento, e quem ocupa esse papel de mediador normalmente são os pais, porém é possível que outras pessoas possam ocupar esse papel (FERREIRA, 2012).

Além disso, entende-se que o ser humano desenvolve vínculos afetivos durante toda a sua vida, dessa forma os “eventos passados são significativos, os atuais também o são e têm o poder de alterar o percurso de seu desenvolvimento” (Lewis apud FERREIRA, p. 397, 2012). Sendo assim, as experiências que antecederam a chegada no abrigo, ainda possuem influência sobre este sujeito, ou seja, não é somente a quebra do vínculo familiar que causa problemas em seu desenvolvimento. Para além, crianças que viviam em um ambiente familiar estressante, rodeado de conflitos e relações instáveis, podem ter alguns problemas de comportamento, além disso a ausência de afetividade, pode gerar insegurança nos padrões de apego, desenvolvendo problemas psicossociais e cognitivos (SIQUEIRA; DELL’AGLIO, 2006; BOWLBY apud FERREIRA, 2017).

Ainda se tratando de influências no desenvolvimento desses sujeitos, é necessário destacar o preconceito e estigmas sociais que acompanham esses jovens, sendo que este atributo/rótulo recebido, não é originado por causa de sua condição biológica, mas sim por sua condição social. Ser identificado como um adolescente de abrigo, inclui muitas consequências negativas, pois ainda há um forte pensamento de que usuários de abrigo são culpados por estar naquele local, como se tivessem algum problema, devido às suas vivências passadas e não podem ser “normais”, que o futuro não será promissor, pois a marginalidade os acompanha. Dito isto, nota-se que são vistos como culpados, quando na

verdade são vítimas, que tiveram seus direitos violados por seus familiares, foram abandonados e sofreram violência (ARPINI, 2003; SOMER, OLIVEIRA JUNIOR, BARROS, 2018).

Em busca de amenizar a estigmatização sofrida por estes acolhidos, as Orientações Técnicas do Serviço de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, exigem que as instituições de acolhimento não tenham placas indicativas, a fim de evitar nomenclaturas que remetam a aspectos negativos, para assim não estigmatizar crianças e adolescentes acolhidos (BRASIL, 2009).

Com isso, torna-se importante analisar como se dá de fato os laços afetivos dentro das instituições, pois a atuação dos profissionais, voluntários e o convívio com os outros usuários do abrigo, afetará diretamente a vida desses sujeitos, de forma positiva ou negativa. Podemos observar que o convívio com outros adolescentes e crianças que partilham da mesma situação, gera apoio social e afetivo, utilizado como fator protetivo, além disso, o convívio com os mesmos traz o sentimento de pertencimento, e auxilia na construção de sua identidade social. Para além, sabe-se que a dimensão afetiva (emoções, sentimentos, estados de ânimo e paixões) possuem um lugar fundamental nas relações humanas, auxiliando em seu desenvolvimento (SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2006; ESCOBAR, TORRES apud LOURENÇO, 2020).

As instituições devem se atentar a esses aspectos, pois esses sujeitos passam a participarem da vida um do outro, partilhando sentimentos e construindo o sentimento de irmandade, ao qual se sentem impulsionados a protegerem uns aos outros, a se ajudarem e apoiarem-se. Esse fator é tão importante que segundo as Orientações Técnicas do Serviço de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, deve-se manter sempre que possível, essa criança ou adolescente na mesma escola que frequentava, antes da chegada à instituição, com o objetivo de evitar o corte desnecessário de laços afetivos formados naquele espaço, amenizando na medida do possível a mudança em sua rotina. Salvo em casos que há determinação judicial ou recomendação técnica para que o mesmo mude de escola, a fim de proteger esse sujeito (BRASIL, 2009).

Se tratando de vivências, por conter muitas crianças e adolescentes nestes abrigos, é possível que haja negligência da parte dos responsáveis, e isso traz consequências para esse indivíduo que está ocupando o lugar de total dependências desses profissionais. A negligência pode ser descrita como “desatenção, pela ausência, pelo descaso, pela omissão ou, simplesmente, pela falta de amor” (GOMIDE, p.69, 2004).

Segundo Gomide (2004) a negligência é um dos principais fatores que influenciam o desenvolvimento de comportamentos antissociais, além disso, vários casos de pessoas que fazem uso de álcool e outras drogas, e adolescentes infratores, possuem um histórico de negligência por parte de seus cuidadores. Seus efeitos são considerados mais graves do que aqueles que foram acometidos por agressões físicas, ela também dificulta o desenvolvimento da autoestima.

A criança negligenciada é insegura, seu olhar não tem brilho. Por não ter recebido o afeto que alimentaria seu ser, ela é frágil. Pesquisadores encontram crianças negligenciadas se comportando de forma apática ou agressiva, mas nunca de forma equilibrada (GOMIDE, p.73, 2004).

As relações afetivas são extremamente importantes, e a sua ausência pode afetar negativamente seu desenvolvimento psíquico. Sendo assim, é preciso que haja a presença de pelo menos um adulto na vida desse sujeito, ao qual ele consiga perceber que o mesmo possui preocupação e cuidado por ele (Yunes et al., 2004 apud SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2006).

No contexto de abrigo, o adulto que ganha destaque na vida de seus usuários é o educador ou pai social, sendo esses responsáveis por desenvolver aprendizado cognitivo e afetivo, equipando-os assim para enfrentar possíveis dificuldades em seu percurso social. Devido a essa grande responsabilidade, é preciso que estes profissionais sejam qualificados, que entendam o contexto do qual esses adolescentes vieram, considerando as marcas que ficaram em suas vidas. Ainda devem realizar atividades que sejam de seu interesse, desenvolvendo suas habilidades, sempre incentivando-os a idealizar um futuro (FONSECA, 2017).

Além disso, pesquisas apontam que acolhidos se sentem mais pertencentes ao local, quando estes se vinculam aos profissionais, tornando mais fácil o manejo. No entanto ressalta-se novamente a importância do preparo dos cuidadores sociais, e o interesse dos mesmos em atender esse público, pois serão vistos como substitutos do papel dos pais, não podendo reforçar uma relação negligente como já sofrida outrora por estes sujeitos (CARVALHO, 2015).

Compreendendo a importância de vínculos afetivos para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, o ECA em seu Art.19 garante o direito a participarem de programas de apadrinhamento. Que tem como objetivo disponibilizar para essa criança e/ou adolescente a possibilidade de obter vínculos para além da instituição, como a convivência com a família do padrinho, com a comunidade em que vivem. Contribuindo com seu desenvolvimento no aspecto social, moral, físico, cognitivo, educacional e financeiro. O padrinho geralmente é uma pessoa que deseja ajudar, porém não possui todos os requisitos necessários para adotar. Há casos em que o padrinho aguarda o menor completar a maioridade e o convida para morar com ele (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019).

Ainda que o ECA garanta os direitos e a segurança de crianças e adolescentes, e tenha desenvolvido o sistema de abrigamento, a fim de oferecer assistência e proteção para os mesmos, essa institucionalização pode trazer malefícios a estes sujeitos (AYRES, 2010). Há diversos registros que demonstram que crianças e adolescentes que habitam nesses locais costumam apresentar

déficit de atenção, dificuldade de aprendizagem, prejuízos em relação a mecanismos de defesa ou, então, excesso de agressividade, assim como embaraços nas relações afetivas, dificuldades de expressão, carência de afetos, dentre outros, são algumas das marcas atribuídas à institucionalização, ou melhor, às crianças e adolescentes institucionalizados (AYRES, p. 430 2010).

Com isso, podemos entender a necessidade de um olhar mais crítico a respeito do desenvolvimento desses adolescentes, pois é importante que eles tenham todos os seus direitos preservados, sejam protegidos, porém é também relevante se atentar a outros aspectos e necessidades que ele exige, enquanto estiver aos cuidados da instituição. É importante lembrar que a vivência em um abrigo pode causar efeitos negativos ou positivos, tudo vai sempre estar relacionado ao quanto esse espaço está preparado para oferecer apoio e proteção a essas crianças e adolescentes. Além do mais, poderiam ser adotadas

mais políticas públicas voltadas para este público, a fim de apoiar a adoção tardia e garantir a formação desses futuros adultos da sociedade (SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2006).

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 DELINEAMENTO E AMOSTRA/PARTICIPANTES

A pesquisa em questão trata-se de uma pesquisa ex-post facto, ou seja, a pesquisa foi feita a partir do acontecimento de um fenômeno passado, ao qual não é controlado, foi uma vivência no curso natural da vida do sujeito (GIL, 2002). A partir disso o pesquisador identificou “[...] situações que se desenvolveram naturalmente e trabalhou sobre elas como se estivessem submetidas a controles” (GIL, p. 49, 2002).

A pesquisa é de natureza qualitativa, descritiva. Sendo que a primeira é caracterizada por não se prender ao número de pesquisados, sendo seu maior objetivo o aprofundamento de informações de um determinado grupo social (GERHARDT & SILVEIRA, 2009).

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria” (GERHARDT & SILVEIRA, p. 31, 2009).

A segunda trata-se de uma descrição de características, fenômenos de determinada população, além de construir ligações entre variáveis. Sendo assim, seus objetivos podem incluir o estudo de características de um determinado grupo, levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população, determinar a natureza das relações entre variáveis ou até mesmo, proporcionar uma nova visão do problema (GIL, 2002). “[...]habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, empresas comerciais, partidos políticos etc” (GIL, p. 47, 2002).

Participaram da pesquisa, pessoas acima de dezoito anos de idade, que tenham passado sua adolescência ou parte dela em uma instituição de acolhimento, sendo o tempo mínimo dessa estadia no abrigo de seis meses. Foi considerado que o número de seis participantes seria um número ideal, considerando a dificuldade de localizar esses sujeitos, além de ser um tema que pode ser difícil para tratar, dificultando a abordagem dessas pessoas, a escolha de coleta de dados através de adultos, se deu por considerar um público mais acessível, sendo estes responsáveis por si mesmo.

3.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

Para a coleta de dados, foi utilizado como instrumento a entrevista semiestruturada, com o total de treze perguntas previamente preparadas, sendo realizadas mais perguntas ao longo da entrevista quando necessário. Sendo assim, é um tipo de entrevista no qual o pesquisador elabora um conjunto de questões relacionadas ao seu tema, ou seja, é feito um roteiro, no entanto, é possível que o entrevistado tenha liberdade para fazer ponderações que fujam

desse roteiro, permitindo que ele possa discorrer livremente por assuntos que possam surgir a partir do tema principal (GERHARDTG; SILVEIRA, 2009).

A amostragem foi feita por acessibilidade e por conveniência. “O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo” (GIL, 2008, p. 94). Ademais, foi utilizada a técnica bola de neve (snowball) “[...] onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto [...]” (BALDIN; MUNHOZ, 2011, p. 332). A busca foi por pessoas maiores de dezoito anos, que tenham passado pelo processo de abrigamento, durante sua adolescência ou parte dela, no mínimo de seis meses de estadia no local. Foi apresentado o termo de consentimento às mesmas, a partir disso foi feita uma entrevista e coleta de dados.

3.3 ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE E ASPECTOS ÉTICOS

O material obtido a partir do instrumento escolhido, foi analisado de forma qualitativa, com o conteúdo mobilizado na entrevista semiestruturada, e foram interpretados à luz da psicologia do desenvolvimento humano. Para a análise de dados, foi utilizado as técnicas de análise de conteúdo, que consiste em um agrupamento de técnicas utilizadas para a análise das comunicações, que assume três fases ditas fundamentais para a realização da mesma, sendo elas a pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (conclusão e interpretação), (BARDIN, 2011).

[...] visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 42).

A pesquisa foi realizada respeitando o código de ética dos psicólogos segundo seu Art. 16 e Art. 17, juntamente com a resolução Nº 510, do Ministério da Saúde, assegurando os direitos humanos, garantindo o anonimato dos participantes, utilizando-se de nomes fictícios, os resultados dos procedimentos executados na pesquisa foram analisados e alocados em tabelas para possíveis divulgações. Juntamente, foi respeitada a vontade do entrevistado de contribuir ou não com a pesquisa, sendo assim, em qualquer momento o voluntário pôde desistir ou obter esclarecimentos sobre todos os procedimentos utilizados na pesquisa e nas formas de divulgação dos resultados. Caso necessário, o voluntário receberá toda a assistência social aos agravos decorrentes das atividades da pesquisa. Ainda foi assinado um termo de consentimento livre e esclarecido, para a realização e/ou possível divulgação da pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em cumprimento aos aspectos éticos estipulados nesta pesquisa e respeitando o sigilo assegurado através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os entrevistados foram identificados através de: Entrevistado A, Entrevistado B, Entrevistado C, Entrevistado D, Entrevistado F, Entrevistada G, sendo a letra E

utilizada para identificação do Entrevistador. De acordo com os dados colhidos nas entrevistas realizadas com pessoas que residiram em uma instituição de acolhimento durante sua adolescência os resultados foram apresentados destacando os seguintes temas: aspectos que influenciam no desenvolvimento dos adolescentes institucionalizados; meio social dentro e fora da instituição; e, laços afetivos dentro da instituição de acolhimento.

4.1 DADOS DA AMOSTRA

Foram entrevistados 6 jovens com idades entre 21 e 23 anos sendo 4 homens e duas mulheres Estes jovens permaneceram na Instituição em média por 9,1 anos (AV= 5 a 16 anos) conforme tabela abaixo.

DADOS DA AMOSTRA			
IDENTIFICAÇÃO	IDADE	SEXO	TEMPO DE INSTITUIÇÃO
Entrevistado A	23 anos	Feminino	8 anos
Entrevistado B	22 anos	Feminino	16 anos
Entrevistado C	23 anos	Masculino	13 anos
Entrevistado D	23 anos	Masculino	5 anos
Entrevistado F	21 anos	Masculino	8 anos
Entrevistado G	22 anos	Masculino	5 anos

4.2 ASPECTOS QUE INFLUENCIAM NO DESENVOLVIMENTO DOS ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS

A chegada a uma instituição de acolhimento envolve muitas dificuldades, entre elas está a adaptação à nova realidade e construir novos vínculos. Entende-se que o ser humano, desde o seu nascimento, depende do outro para viver, se desenvolver e se estabelecer como sujeito, e assim entender os contextos em que está inserido socialmente. Processo esse que ocorre por meio de um mediador, normalmente ocupado pelos pais, podendo ser ocupado por outras pessoas (FERREIRA, 2012). A respeito dos adolescentes institucionalizados, podemos observar que esse mediador passa a ser identificado como educador, pai social, além de outros profissionais como psicólogos, cozinheiros e assistente social que atuam no local.

Entendendo que morar em um abrigo envolve diferentes processos, os entrevistados foram questionados a respeito de sua adolescência dentro do contexto de abrigamento. Dois dos participantes disseram ter tido uma adolescência complicada, pois tiveram dificuldade no momento da adaptação e aceitação de sua nova realidade, além da dificuldade de confiar em pessoas que não eram seus familiares.

Algo totalmente dentro do esperado, pois, de acordo com Rayane (2018), quando esse sujeito é retirado do seu ambiente familiar, há um rompimento com

aqueles que ele conhece e de certa forma depositou sua segurança, e é levado há um local novo e desconhecido, o que pode trazer medo e insegurança, sendo assim, esse processo é doloroso e muitas vezes sentido como uma punição. O que pode ser visto de forma evidente no relato do Entrevistado F:

Hamm foi um poucooo, bom foi um pouco diferente das demais pessoaaaas, é pelo fato de eu éee dos demais terem paaais, tere-terem mais assim esse contato familiar. Pra mim foi um pouco mais difícil, porquee de família mesmo lá no abrigo só tinha o meu irmão assim de família [...] Éee nossa relação assim até mesmo deee confiança nas-nas pessoas, as pessoas que eu podia me apoiar não era minhas pessoas assim familiares era mais os educadores do abrigo ouu a pessoa dooo psicólogo, assistente social, ée foi um pouco mais diferente por causa dessas questões, eu tive que confia maaiiis, as vezes neles, às vezes não, talvez mais em mim mesmo.

No entanto, três dos entrevistados concordaram que foi bom pois tiveram afinidade com os pais sociais do local. Além disso havia uma rotina, com horários para cumprimento de tarefas e alimentação, tal como relatado pelo entrevistado C:

Olha eu nuuum com palavras eu num sei determinar muito assim, ée a gente tentava tratar o mais normal possível né, não era tipo tão ruim, porque tipo lá tinha hora pra comer né, hora de pra entrar, hora do café da manhã, hora da janta, mas a gente tentava, a gente se acostumava com esse nosso normal.

Podemos observar que o convívio com outros adolescentes e crianças que partilham da mesma situação, pode gerar apoio social e afetivo, utilizado como fator protetivo. Dessa forma, passam a participar da vida um do outro, partilhando sentimentos e desenvolvendo o sentimento de irmandade, ao qual se sentem impulsionados a se protegerem, se ajudarem e apoiarem-se. Entende-se que o apoio social pode vir de pares e amigos, aos quais tem participação na construção da identidade social desse sujeito (SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2006; ESCOBAR, TORRES apud LOURENÇO, 2020).

Sabendo disso, as Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, orienta as instituições a preservarem esses sujeitos em suas escolas, a fim de evitar o rompimento desnecessário de vínculos afetivos criados naquele ambiente, diminuindo conseqüentemente as muitas mudanças em sua rotina. Salvo em casos que há determinações judiciais ou recomendações técnicas para a mudança de escola, a fim de preservar a segurança e bem estar desse sujeito (BRASIL, 2009).

A partir disso, foi possível observar tanto aspectos positivos quanto negativos, a respeito da vivência em uma instituição de acolhimento. Dois entrevistados destacaram que a presença de outros adolescentes era algo muito bom, pois trazia o sentimento de identificação uma vez que estavam passando por processos de vida parecidos, no entanto, apesar de muita gente, eles ainda se sentiam sozinhos, por não estarem com sua família biológica, como mostra a fala do entrevistado A:

Às vezes por um lado era bom, porque tinha várias menina, mas as vezes eu me sentia sozinha, me sentia... como eu via na escola, que tinha essas coisa de pai e mãe, as outras criança sempre levava os pais e as mães né, já eu não levava, me sentia excluída, sozinha.

Três participantes disseram ter tido uma boa experiência, pois obtiveram muito aprendizado, não somente acadêmico, mas também de atividades de rotina e

autonomia como aprender a cozinhar, manter a casa organizada, aprenderam a se cuidar, a ter uma boa administração financeira, além disso tiveram apoio, passaram a ser bem cuidados, alegam ser um projeto necessário e fundamental para ajudar crianças e jovens em situação de risco, como mostra a fala do Entrevistado F:

Bom, pra muitoss é não foi uma boa experiência, maas pra mim, foi uma boa experiência sim, porqueee no-no momento que eu fui pro abrigo foi um momento mais complicado, meus pais tavam se separano, eu passei necessidades assim dee ter que até mesmo que comer comida do lixo essas coisa pra podê sobreviver, eee no abrigoo aprendiii setenta por cento das coisas que eu sei, aprendi é de cozinhaar, um pouco sobre limpeza de casa, de-dee tratar com as pessoas assimm ée essa relação de-de também num se entrega, mesmo com as coisas num seno, seno difíceis, poquêe no abrigo eu tive, eu tivee bons educadores assim que me ajudaram bastante, me deraam muito apoio, mesmo meus pais não estando próxiimos, minha mãe às vezes ia me visitar, maas na base mesmo era mais os educadores.

Os efeitos que um abrigo pode causar em crianças e adolescentes é bem relativo, podendo ser positivos ou não para este sujeito, isso vai depender do quão apto estão para oferecer proteção e apoio. Embora as instituições tenham uma ótima estrutura e contribuam com o desenvolvimentos desses sujeitos, há ainda muitas dificuldades a serem vencidas, como o relacionamento entre os mesmos e os educadores da instituição, visto que cada um possui sua subjetividade, e forma de encarar sua nova realidade (GUIRADO apud RAYANE, 2018; SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2006).

Inclusive, além do local, regras e convívio ser diferente, há ainda a falta daqueles aos quais o mesmo mantinha relação, e não possui mais convivência. Sendo estes fatores contribuintes para o desenvolvimento de problemas emocionais (GUIRADO apud RAYANE, 2018; SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2006). De acordo com o Entrevistado D, o início foi algo bem complicado, porém quando foi ficando mais velho, passou a entender o quão era melhor ele estar naquele local “[...] a vivência foi um pouco complicada, mas logo após que eu fui completando os meus dezesseis anos eu fui tendo um processo mais tranquilo por conta de de dee, eu tinha que botá na cabeça que não, era aquilo que era bom pra mim” (ENTREVISTADO D, 2021).

Além disso, quando indagados sobre seus sentimentos dentro da instituição, três jovens relataram ter sentido falta da presença de algum familiar, isso fez com que se sentissem sozinhos e desconfortáveis, sem o amparo de um pai e uma mãe, porém tinham consciência de que tudo que necessitavam tinha naquele local, e que era o melhor naquele momento.

logo no início é como eu te falei, foi uma questão de adaptação, nunca vivi longe da minha família né, sempre tive aqui próximo o meus irmão, e lá eu tavo muito afastado deles, que eraaa cinco hora de viagem né, da minha família, então na maioria das vez a gente se sente só, como se a gente precisasse de algo, mas sabendo que lá tem tudo que a gente necessita no momento né, porqueee, igual eu falei, lá eu tive de tudo, ropa lavada eu tinha na hora, comida na hora certa, isso eu tinha na hora, horário pra ii dormiii, tinha horário pra acorda, horário de i pra escola, horário pro curso, então lá, tuuudo eu tive isso que muuuuuta família hoje não consegue dá pro teus filho, então condo eu completei os catorze quinze ano, eu já tive umaaa percepção diferente, uma

maturidade em entender que aquele local era o melhor pra mim (ENTREVISTADO F, 2021).

Outro participante disse que passou a se acostumar com a nova realidade, porém se sentia estranho e com medo, por saber que aos dezoito anos, seria necessário sair de lá. Outro participante relatou ter se sentido distante e diferente, pois não considerava sua vida normal. Por fim, o participante D afirma ter se sentido extremamente confortável, ter tido o ensinamento de várias pessoas, que contribuíram com o seu crescimento e deram apoio em todas as áreas de sua vida, desde a financeira até a psicológica.

Então, eu sempre me senti muito confortável, sempre foi um umm um local que eu sempre aprendii, foii pessoas que passaram na minha vida lá éee fizeram meu crescimento lá dentro sê gigantesco por questões de de tuudo, eu diigooo financeera, eu digoo éeee psicológicas, em todoo esse processo, foi um processo muito bom, não teve nada que você fale assim “ah, nossa lá, éee o que melhora lá no abrigo” que a pessoa fala a “meu Deus do céu, eu não quero!” Não tem esse processo entendeu? (ENTREVISTADO D, 2021).

Os participantes também foram questionados a respeito do que gostavam dentro da instituição. A maioria disse ter gostado dos passeios que eram realizados, o que incluíam praias, clubes, shoppings, um deles destacou a alegria de interagirem um com o outro, por meio de brincadeiras, jogos, e gincanas, além disso, foi ressaltado a importância de terem outros jovens que estão passando pelo mesmo processo, ou seja, ter alguém com a mesma experiência de vida, alguém que vai entendê-los de fato, como podemos observar na fala do entrevistado D:

ah tinhaa, euu adoraavaa os passeios, os passeios eu acho que era o que mais me divertia, éee a gente ia pra Valeee, praaia sempre em conjunto, e é era no final de semana iria em combiii, todo mundo ia pa praia ee ée todo mundo se divertia, acho que era o que eu mais adorava, e e também jogar videogame com os meninos, era o que mais me divertia. O legal é que o abrigo que eu morei, na época tinhaa doze adolescentes né, então, pensa você morar com mais doze pessoas numa casa que tem praticamente quase o mesmo costume que você (risos).

Também foram questionados a respeito do que não gostavam. Três participantes disseram ter se incomodado com as regras, apesar de entenderem que algumas eram necessárias. Também foi destacado a falta de privacidade, e de liberdade “Éee as regras, éee corte de privacidade, xô vê mais o quee.. acho que o que me incomodava mesmo era essa questão de regras né, assim de instituição, porque a gente não podia fazer quase nada” (ENTREVISTADO C, 2021).

Entende-se que as instituições de acolhimento devem incentivar o cumprimento de atividades comunitárias, a fim de criar o sentimento colaborativo entre si, além disso, é de extrema importância que essas unidades tenham como prioridade a preservação do grupo de irmãos, sendo esta uma lei amparada pelo ECA (SIQUEIRA; DELL’AGLIO, 2006; FONSECA, 2017).

Conjuntamente, esses espaços ainda devem dispor de um plano individual, realizados por profissionais qualificados, focado nas individualidades de cada um, compreendendo que cada criança e adolescente é um indivíduo que possui sua subjetividade, não podendo ser tratado de forma generalizada (SIQUEIRA; DELL’AGLIO, 2006; FONSECA, 2017).

Os abrigos onde os entrevistados viviam, contava com um número alto de abrigados, o que acabava resultando em falta de privacidade. Um dos participantes disse ter se incomodado com algumas pessoas, pois era complicado morar com várias pessoas tão diferentes. Um deles destacou não gostar da comida servida no local, pois alegava ter sido mal preparada. E apenas um participante disse ter sentido muito a falta da sua família.

“[...] o que eu não gostava mesmo era ooo, era mais essa questão mesmo familiar, é poque às vezes sentia realmente falta da minha família, essas coisas, era mais essa questão mesmo, mas de restoo passei em bons lugares” (ENTREVISTADO F, 2021).

Segundo o ECA as instituições de acolhimento, devem conter uma equipe encarregada de amparar esses sujeitos nos âmbitos físico, psíquico e social (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019). Além disso, é de extrema importância que este sujeito seja amparado pelos funcionários, principalmente pelos educadores, aos quais devem acolhê-los, considerando o passado complicado vivenciado pelos mesmos, pois muitos foram marcados pelo sofrimento causado ao terem seus direitos violados. Esses profissionais têm a missão de impulsionar esses sujeitos a desejarem um futuro melhor, envolvendo-os em atividades que sejam interessantes para os mesmos, incentivando-os no desenvolvimento de suas habilidades (FONSECA, 2017).

Atentando a isso, os participantes foram interrogados a respeito de sua percepção geral do abrigo, e se este o ajudou de alguma forma, todos os participantes concordaram que a instituição os ajudou. Muitos disseram terem tido muito aprendizado, terem sido orientados acerca da importância de estudar, de ter um bom controle financeiro, de saber poupar e investir, também destacaram a ajuda por meio de atendimento psicológico. Além de terem conseguido vários cursos, estágios, trabalho, alguns tiveram auxílio na faculdade, na moradia, ainda, apesar de terem saído, recebem apoio caso aconteça algo que necessitem de ajuda, através da fala do Entrevistado G, podemos perceber esse auxílio:

Porque antes de eu entra no projeto, eu tinha parado de estuda, néee eu tinha parado de estudá desde novo, e graças ao projeto eu voltei a estudáaa néee, fiz os cursooo, que eis mermo arrumaro pra mim fazê, me especializei, e graça ao projeto eu faço minha faculdade, porque é o projeto que paga minha faculdade hoje, mesmo eu fora da instituição, eis que paga minha faculdade.

Através deste relato, foi possível notar que as instituições de acolhimento não devem se preocupar apenas com o período em que estes estarão sob sua tutela, mas também se importam em ajudar a forjar uma visão de futuro, encaminhá-los para alcançar seus objetivos.

4.3 MEIO SOCIAL COMO INFLUENCIADOR NO DESENVOLVIMENTO

Quando questionados acerca de sua convivência com pessoas fora do abrigo, todos os participantes afirmaram ter convívio com pessoas de fora, principalmente com colegas da escola, ou com colegas dos estágios e de cursos que faziam fora do abrigo, além dos vizinhos.

[...] sempre tivemos contato com pessoal da escola, inclusive pessoas da escola já frequentaram o abrigo onde a gente morava pra conheceer, porque achava interessante, aaa a quantidade de

peessoas que morava dentro de uma só casaa, porque é difícil, cada um tem seu tem suas particularidades e era isso (ENTREVISTADO D, 2021).

Apesar dos relatos positivos a respeito do convívio social fora do abrigo, muitos enfrentaram preconceito. Infelizmente, esses jovens costumam sofrer um forte estigma social, ao qual não tem relação com condições biológicas, mas sim por sua situação de risco e vulnerabilidade social. São vistos com maus olhos, possíveis marginais, pessoas “anormais”, como se os mesmo carregassem um “defeito” em decorrência de seu passado, e ainda como se tivessem culpa por sua condição atual (ARPINI, 2003; SOMER, OLIVEIRA JUNIOR, BARROS, 2018).

Há ainda um forte “preconceito instituído”, que consiste no pensamento de que o motivo pelo qual esses sujeitos foram levados até uma instituição de acolhimento foi por consequências dos próprios atos, quando na realidade, estes são as vítimas em situação de risco, que tiveram seus direitos violados, sofreram algum tipo de violência ou mesmo abandono por parte de seus familiares (ARPINI, 2003; SOMER, OLIVEIRA JUNIOR, BARROS, 2018). Entre os entrevistados, a maioria sofreu preconceito:

[...]Não somente na escola, mas também na vida pessoal, se eu tivesse uma-já tive o caso de uma-eu tive uma namorada que por ser minha namorada aí ela contou pra mãe dela, e a mãe dela teve preconceito comigo, achando que eu era marginal, até hoje, eu tenho esse nível de preconceito assim, entre aspas né, eles ficam meio receosos, “ah, cê cresceu no abrigo..” aí ficam meio assim sabe, aí d-até mesmo em entrevista de emprego (ENTREVISTADO C, 2021).

Além disso, muitos ainda enfrentaram dentro das instituições traços do que vivenciaram no passado, pois em muitas instituições ainda existe um regime muito autoritário, algumas práticas mais violentas, além da dificuldade na convivência comunitária (ARPINI apud DELL’AGLIO, 2017). Ainda, de acordo com as Orientações Técnicas do Serviço de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, as instituições de acolhimentos não devem conter placas indicativas, com o intuito de prevenir a rotulações negativas de seus usuários, de modo que os mesmos não sejam estigmatizados e despotencializados (BRASIL, 2009).

Sabendo dessa fragilidade, e do quão importante é o relacionamento entre esses dentro do abrigo, foi questionado aos entrevistados sobre sua relação com as crianças/adolescentes que viviam na instituição, a maioria relatou ter tido um bom relacionamento, e que apesar de alguns desentendimentos, tinham o pensamento de irmandade, eram amigos, sempre se protegiam, se ajudavam entre si.

“[...] eu lembro quee, eeu condo eu menstruei, eu menstruei eu tinha quinze anos, aí até foi uma delas que me ensinou come é que usava absorvente, que eu nem sabia, nem fazia ideia”(ENTREVISTADO B, 2021).

Eee é a gente tinha uns os nossos as nossas desavenças mais a gente caminhava sempre pelo certo, sempre ée ajudando um ao outro nas dificuldades eee sempre foi muito bom [...] a gente sempre teve ooo processo de irmandade dentro da casa né, não ée “é meu irmão, é meu irmão”, então vamoos leva pra vida inteera, vamoos ve-c ée trabalhá um pelo outro [...] (ENTREVISTADO D, 2021).

É importante destacar que as vivências que antecederam a estadia no abrigo, tem influência no desenvolvimento desses sujeitos, estudos mostraram que a ausência de afetividade nos primeiros anos de vida, e um ambiente familiar estressante, em que há relações instáveis e conflituosas, deixa marcas nesses sujeitos, podendo causar insegurança nos padrões de apego, e ainda desencadear problemas psicossociais, cognitivos e comportamentais. Portanto, não é somente o rompimento do vínculo familiar que traz influências negativas para o desenvolvimento desses indivíduos, mas também as experiências que antecederam a entrada nessas instituições (SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2006; BOWLBY apud FERREIRA, 2017).

A vista disso, um dos entrevistados disse ter tido dificuldade em se relacionar com as outras pessoas, ele se considerava mais reservado, e optava por ficar sozinho, em sua fala foi possível notar que o mesmo sofria influências de seu passado:

[...] eu num conversava com ninguém, fiquei mais ou menos uns três anos assim, eu só dava um "bom dia" pros educadores, pra mim já era, éee porqueee, eu vim de um passado né de chegar no abrigo bem complicado né e pra muitos adolescente dentro de um abrigo, as pessoas tamém te maltratarão como isso já aconteceu no passado, então até você cria uma confiança néee dentro do projeto é bem complicado, eeeuuu tinha uma grande dificuldade em me relacionar com as pessoas né, de convesá, de tê convívio com a pessoa, eu sempre fui o mais fechado, eu sempre fui mais sozinho (ENTREVISTADO G, 2021).

Compreendendo a importância das relações afetivas, devemos destacar que a falta desse tipo de interação e a carência da relação entre pelo menos um adulto, ao qual esses adolescentes percebam que há preocupação e o desejo incondicional pelo bem deles, pode gerar problemas em seu desenvolvimento psíquico, ou seja, o educador dentro desse contexto é extremamente importante para o desenvolvimento desses adolescentes, atuando não somente no aprendizado cognitivo, mas também sendo apoio afetivo, auxiliando no enfrentamento de possíveis dificuldades em sua trajetória social. Portanto, é necessário que esses profissionais se atentem ao contexto em que esses sujeitos estavam inseridos antes do acolhimento (YUNES et al. apud SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2006; FONSECA, 2017).

Com isso, os entrevistados foram questionados a respeito de sua relação com os profissionais que atuavam naquele local, a maioria dos entrevistados disseram ter tido uma boa relação, ao qual era passado segurança e proteção, alguns deles até ajudavam os educadores com os outros jovens do local, como relata o Entrevistado F:

ah minha relação sempre foi assim boa, assim com os educadores, tanto queeee é tanto queee de vez enquanto eu ajudava os educadores, a-a-até mesmo cuuum coisas assim deee de manter a organização entre os meninos, que tinha momento da casa que s-eu era o único, uns dos mais velhos, aí tinha que tê essa coisa de ajudar os educadores, manter a ordem, essas coisas.

Apenas o Entrevistado G disse ter tido uma aproximação e confiança em apenas um educador “[...]Jeu era muito fechado néee, eu num cuvesava com ninguém, eu tive muuuuítaaa, uma relação muito boa com o B. que era um homem que eu tinha uma relação pra cuvesaaa, prao senta e cuvesaa”.

Sobre vínculo afetivo dentro da instituição, a maioria disse ter tido uma relação mais íntima com os pais sociais, de acordo com eles, eles eram tratados como filhos. *“Aham, com as mães? Sim, que ela dava muito conselho, ela fazia o papel dela de mãe mesmo”*(ENTREVISTADO A, 2021).

Siim, sim. Eeeuuu até continuo teno contato com essa pessoa, que já meee ajudou até mesmo no período que eu estava no abrigo, até mesmo condo eu saí, meu deeu assim várias ajuda assim que dee conversaaa, de podê assim contá mesmo, é meio que foi quase ée foi quase umaa segunda mãe (ENTREVISTADO F, 2021).

Apenas o entrevistado C disse não ter conseguido manter uma relação de confiança, ele apenas confiava e mantinha afeto com o irmão mais novo, que morava com ele no abrigo *“Não, sómente assim com meus irmãos mesmo, que cresceu comigo lá”* (ENTREVISTADO C, 2021).

Ainda foram questionados se após a sua saída, mantiveram o vínculo e contato com alguém da instituição. Todos os participantes afirmaram ter mantido o contato com os educadores e pais sociais, e alguns disseram ainda mantém contato com alguns adolescentes, como mostra os relatos a seguir:

“[...] éeee como ela (mãe social) trabalha lá, às vezes de domingo eu sempre passo lá né, porque tem as, tem as menina que eu conheço [...] ainda vou lá porque tem as que criei amizade com elas” (ENTREVISTADA B, 2021).

“Isso, alguns de lá (adolescentes), agora.. e alguns educadores né, assim de que eu falo num ée, coisa que eu fico visitando sempre, mas sempre, tenho contato assim com eles, assim contato né, telefone, ée facebook, esse tipo de contato” (ENTREVISTADO C, 2021).

Portanto, pode-se afirmar que, quando há um vínculo com os educadores, esse sujeito passa a se sentir pertencente ao local, tornando-se então mais fácil o cuidado para com esses sujeitos (CARVALHO, 2015). Através dessa pesquisa, foi possível identificar o quão importante é para eles manter o contato e preservar os laços afetivos criados naquele ambiente. Além disso, o sentimento de pertencimento há um lugar trás segurança para esses sujeitos.

No entanto, para que esse processo de acolhimento ocorra de forma mais leve e eficaz, é necessário que esses educadores queiram trabalhar com esse público e sejam preparados para tal, pois influenciam diretamente o desenvolvimento social dos mesmos, representando o papel paterno/materno na vida desses adolescentes, por esse motivo, é importante que não se repita o mesmo relacionamento negligente que tiveram com seus familiares (CARVALHO, 2015).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar como o ambiente social e afetivo dentro de instituições de acolhimento poderia afetar o desenvolvimento de adolescentes. Ser encaminhado a uma instituição de acolhimento envolve muitos desafios, entre eles está a adaptação à nova realidade e a construção de novos vínculos afetivos com pessoas que não são seus familiares. Sabe-se que a dimensão afetiva é fundamental entre as relações humanas e auxilia em seu desenvolvimento. Além disso, é importante lembrarmos que as vivências que antecederam a entrada no abrigo, também tem influência no desenvolvimento

desses sujeitos, pois carregam marcas negativas, que acabam bloqueando esse sujeito, e impedindo-o de confiar em outras pessoas.

O abrigo conta com o apoio de vários profissionais, como psicólogos, assistentes sociais, cozinheiros, faxineiros, educadores e pais sociais, todos possuem sua importância na vida desses sujeitos, e contribuem com seu desenvolvimento, porém, deve-se destacar os educadores e pais sociais. Segundo relatos dos entrevistados, esses profissionais são vistos como figuras de confiança, aos quais mantinham o sentimento de filhos e recorriam em caso de dificuldade, mesmo após a saída do abrigo. Outro fato que chama a atenção é que todos os entrevistados relataram manter o contato com os educadores e alguns adolescentes. Portanto, é necessário que estes profissionais compreendam que cada criança e adolescente é um indivíduo que possui sua subjetividade, não podendo ser tratado de forma generalizada.

Através dessa pesquisa foi possível notar que estes adolescentes chegaram ao abrigo com medo e insegurança, além de carregar o sofrimento pelo seu passado e por estar longe de todos que mantinham relacionamento. No entanto, aos poucos perceberam que se tratava de um local seguro, e que receberiam todo o cuidado necessário para um desenvolvimento saudável. Além disso, podiam contar com os outros adolescentes do local, que fortaleciam o sentimento de pertença e identidade, figuras que se configuraram como apoio social e emocional para os mesmos, além de influenciar na autoestima e bem-estar. A pesquisa mostra como os mesmos são unidos e mantêm um forte sentimento de irmandade. Apesar disso, também emergiram relatos de que os desentendimentos eram bem comuns entre eles, e que em muitos casos se sentiam sem muita liberdade e ainda com todo o apoio, ainda sentiam a falta da família de origem.

Foi possível observar que a vivência em uma instituição de acolhimento inclui aspectos positivos e negativos, isso dependerá do quão aptos estão para oferecer apoio e proteção. Entre os aspectos positivos, podemos notar o apoio e incentivo em prepará-los para a desinstitucionalização, oferecendo aprendizado não somente acadêmico, mas também em atividades de rotina e autonomia como aprender a cozinhar, manter a casa organizada, cuidados pessoais, administração financeira, além de apoio financeiro e psicológico.

Além disso, os adolescentes também tinham acesso a cursos, estágios, trabalho e alguns ainda tiveram auxílio na faculdade e na moradia, mesmo após sua saída. Também havia uma preocupação em relacionamentos sociais, para isso, realizavam brincadeiras, gincanas, jogos, passeios e viagens em grupo, além de visitar vários pontos da cidade. Dentre os aspectos negativos ainda se incluem os relacionamentos afetivos dentro da instituição, a falta de privacidade, a grande quantidade de usuários por instituição, além da falta de um tratamento personalizado e a falta da visita familiar. Outro fator negativo foi a respeito do convívio social fora do abrigo, pois muitos sofrem preconceito. Estes jovens são estigmatizados por viverem em um abrigo, são vistos como marginais, e culpados por sua condição atual.

Sendo assim, entende-se que as instituições de acolhimento devem ser divididas em unidades pequenas, com o objetivo de desenvolver um atendimento personalizado e conseqüentemente mais eficaz. No entanto, nota-se que algumas instituições de acolhimento não se preocupam apenas com o tempo em

que estes estarão abrigados, mas também com o momento em que estes saíram daquele local. Pois se empenham em auxiliar na construção de uma visão de futuro, fazendo com que estes sujeitos tenham um plano de vida após a saída do abrigo.

REFERÊNCIAS

ARPINI, D. M. Repensando a perspectiva institucional e a intervenção em abrigos para crianças e adolescentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, n. 23, p. 70-75, 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932003000100010>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

AYRES, Lygia Santa Maria et al. Abrigo e abrigados: construções e desconstruções de um estigma. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 420-433, 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844632009>>. Acesso em: 16 de jun. 2021.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. **Snowball (bola de neve):** Uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. Anais do X Congresso Nacional de Educação. Curitiba, PR: PUCPR. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=4527443&pid=S2236-6407201800040001000005&lng=pt>. Acesso em: 03 jul. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. Disponível em: <<https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitat%20e%20qualitat%20-%20IFES/Livros%20de%20Metodologia/10%20-%20Bardin,%20Laurence%20-%20An%C3%A1lise%20de%20Conte%C3%BAdo.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2021.

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. **Referências Técnicas para Atuação de Psicólogos(os) em Varas de Família**. Brasília, 2019. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas-os-em-varas-de-familia/>>. Acesso em: 11 jun. 2021.

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**, Brasília, Resolução n.º 010/05, 2005. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2021.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Orientações técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes**, Brasília, Resolução conjunta n.º 1, de 18 de junho de 2009. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes-tecnicas-servicos-de-acolhimento.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2021.

CARVALHO, Juliana Castro Benício de. **Trajetórias Marcadas**: Histórias de vida de adolescentes com vivência de acolhimento institucional. 2015. 321 f. Tese de Doutorado (Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura) – PPG PsiCC do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília – IP/UnB. Brasília. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/19505>>. Acesso em: 21 nov. 2021.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, 2012. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 03 jul. 2021.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Nota técnica é contrária à proposta de adoção direta de crianças**. 2020. Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/nota-tecnica-e-contraria-a-proposta-de-adocao-direta-de-criancas/>> Acesso em: 21 nov. 2021.

FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti et al. Acolhimento de Crianças e Adolescentes em Situações de Abandono, Violência e Rupturas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 390-399, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/fJytcznbjNXPXvTwVVZtBvN/?lang=pt>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

FERREIRA, Jéssica Almeida Marques. **Acolhimento Institucional e as Dificuldades na Aprendizagem**. São Paulo. 2017. Disponível em: http://www.ieb.usp.br/wp-content/uploads/sites/462/Trabalhos_Finais/violencia_defesa_direitos/TF-Je%CC%81ssica-Almeida.pdf. Acesso em: 21 nov. 2021.

FONSECA, Patrícia Nunes da. O impacto do acolhimento institucional na vida de adolescentes. **Rev. Psicopedagogia**. Paraíba, n. 34, p. 285-295, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v34n105/06.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

GERHARDT, Tatiana Engel & SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. 1.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas. 2002. Disponível em: <http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2021.

GOMIDE, Paula Inez Cunha. **Pais presentes, pais ausentes: regras e limites**. 3 ed. Rio de Janeiro: Petrópolis: editora Vozes Ltda, 2004. Disponível em: <https://www.academia.edu/40023557/Pais_presentes_pais_ausentes_regras_e_limites>. Acesso em: 11 jun. 2021.

LOURENÇO, Mariana Santos De Giorgio. **O sentido de pertença de adolescentes ao ambiente escolar e sua interface com o apoio social e a saúde mental**. 2020. 350f. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) - Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2020. Disponível em:<<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13374>>. Acesso em: 21 nov. 2021.

NASCIMENTO, Livia de Almeida. **Adoção no Brasil: Crianças e adolescentes disponíveis para adoção e o número de pretendentes cadastrados. Por que os números não fecham?** 2017. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:<[https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/8265#:~:text=Por%20que%20os%20n%C3%BAmeros%20n%C3%A3o%20fecham%3F,-Autor\(es\)%2F&text=Resumo%3A,rela%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20tem%C3%A1tica%20da%20ado%C3%A7%C3%A3o](https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/8265#:~:text=Por%20que%20os%20n%C3%BAmeros%20n%C3%A3o%20fecham%3F,-Autor(es)%2F&text=Resumo%3A,rela%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20tem%C3%A1tica%20da%20ado%C3%A7%C3%A3o)>. Acesso em: 11 jun. 2021.

QUADROS, Emérico Arnaldo de. **Psicologia e desenvolvimento humano**. Rio de Janeiro: Petrópolis: editora Vozes Ltda, 2017. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/155322/epub/0>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

RAYANE, Daniele Barbosa; SOUSA, Daniela Heitzmann Amaral Valentim de. Privação afetiva e suas consequências na primeira infância: um estudo de caso. **INTERSCIENTIA**, Paraíba, v. 6, n. 2, 2018. Disponível em:<<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:yWaBuageQkMJ:https://periodicos.unipe.br/index.php/interscientia/article/download/721/601/+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 11 jun. 2021.

SOMER, Diana Galone; OLIVEIRA JUNIOR, Constantino Ribeiro de Oliveira; BARROS, Solange Aparecida Barbosa de Moraes. Representações sociais da escola: um estudo com adolescentes em acolhimento institucional no município de Ponta Grossa/pr. **Polêmica – Revista Eletrônica da Uerj**, Rio de Janeiro, v. 18, n.1, p. 16-36, janeiro, fevereiro e março 2018. Disponível em:<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/36066>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

SIQUEIRA, Aline Cardoso; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura. **Psicologia & Sociedade**, n. 18, p. 71-80, 2006. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/psoc/a/Bn9x93pDbChZvrGwTvghPLn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 18 nov. 2021.